1ª PARTE

Estudos

PRECIOSA FONTE DE NOSSA ANTROPOLOGIA CULTURAL

Joaryvar Macedo

As considerações a serem expendidas, no momento, girarão em torno de uma fonte de informações, sobremaneira preciosa,acerca de faceta das mais ricas da antropologia cultural em terras cearenses, ou, em palavras menos sofisticadas, a respeito do nosso folclore poético. Quero referir-me a um antigo folheto da autoria, ou, para ser mais preciso, compilado por Pio Carvalho.

Mas quem foi Pio Carvalho?

Pio de Carvalho Brito, cearense do Crato, era filho do tenente-coronel Manuel da Cruz Rosa Carvalho e Maria da Glória de Carvalho Brito. Nascido no ano de 1877, viveu grande parte da sua vida na terra de berço, porém, feito andarilho, residiu no oeste pernambucano, mais precisamente em Exu, onde se matrimoniou com a parenta Inácia Carvalho de Alencar, e, também, em Bodocó. Deambulou pelo sul do País e pelos seringais da Amazônia, mas, retornando ao Crato, terminou por se finar em Iguatu, no ano de 1963, portanto com oitenta e cinco janeiros. Morreu pobre, como sempre vivera, e, além disso, completamente cego, deixando, contudo, a fama de inveterado piadista, poeta improvisador satírico, exímio palestrador e humorista, e portador de memória prodigiosa. ([1])

Pio Carvalho era irmão do herói da revolução acreana, o conceituoso escritor e poeta José Carvalho, o Cariri Braúna da Padaria Espiritual, autor de apreciadas obras, e que granjeou renome, mormente como historiador e folclorista, merecendo destaque seu livro *O Mato Cearense e o Caboclo do Pará,* excelente contribuição à demopsicologia nacional.

O folheto, há pouco referido, da autoria de Pio Carvalho, um meio analfabeto, ao contrário do irmão, traz este longo e estapafúrdio título: *Poesias dos Melhores Poetas do Cariri Pegadas por Pio Carvalho — De João Lôbo da Mata (Lôbo Manso), José de Matos, Luiz Carlos (Tanoêro), Zé Pinto e Ludugério — Defesa de João Ernesto Severiano da Cunha— Duas Histórias Passadas a Verso pelo Autor deste Folheto.*

Ressalte-se que, sobre ser o mencionado folheto muito mal impresso, evidenciando haver saído do prelo de rudimentaríssima tipografia, o papel é de ordinária qualidade. Teve, no entanto, o alto e indiscutível mérito de fazer conhecidas dos pósteros valiosas notícias, bem assim produções de alguns dos poetas populares mais antigos da região caririense, e, em consonância com o esdrúxulo

título, dos mais destacados dentre eles. E diga-se de passagem tratar-se de raridade bibliográfica. Mas raridade mesmo.

Epigrafada *Juazeiro do Cariri,* libelo dos mais violentos contra o padre Cícero Romão Batista, obra, segundo informa Otacílio Anselmo, recolhida e queimada em fogueira, nas ruas de Juazeiro do Norte, resultando escapos dessa atitude vandálica um que outro exemplar, como por milagre.

Com base nas pequeninas informações e na coleta sobremodo meritória, de responsabilidade de Pio Carvalho, e em pesquisas realizadas, posteriormente, sobre o assunto, inclusive por mim, poderia tecer, nesta oportunidade, breves comentários em torno dessa meia dúzia de antigos repentistas caririenses, entressachando alguns achados no tocante à produção de parte deles.

Quanto a dois desses poetas, Luís Carlos, conhecido por Tanoeiro, e João Ernesto Severiano da Cunha, dificilmente se encontraria, na região onde viveram, algo mais brotado do seu estro, além dos registros de Pio Carvalho.

Quando empreendi, no Cariri, investigações sobre o assunto, encontrei quem me recitasse, como do Tanoeiro, uma sextilha e uma décima apenas, esta altamente sotádica ou licenciosa, as quais não constam do supracitado folheto. A sextilha enfoca seis poetas coetâneos, inclusive o próprio e a famosa Rita Medeiros, bem como os respectivos lugares de residência:

Anselmo em São Benedito
Severino em Limoeiro
Inácio na Catingueira
no Piauí siá Medeiro
Seu Romano no Teixeira
no Cariri Tanoeiro.

Estes pés poderiam ser da autoria de qualquer um deles, entretanto, e até mesmo de outrem. Fique, portanto, de logo esclarecido que, em matéria de improviso dos nossos rapsodos do povo, principalmente dos mais antigos, existam sempre versões as mais desencontradas. ([2])

Passemos ao poeta *Ludugério* (sic) do folheto de Pio Carvalho.

Muito pouco ou quase nada conseguiu Pio Carvalho colher da autoria desse poeta sertanejo, cujo nome completo e exato era, em verdade, Manuel Ludgero de Carvalho Paz. É, cronologicamente, o mais antigo dentre os referidos pelo autor do folheto. Natural de Juazeiro do Norte, onde reside descendentes seus, neto materno do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e irmão do legítimo fundador e primeiro capelão daquela localidade do Ceará meridional, o padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro, Ludgero nasceu no último quartel do século 18, presumivelmente em 1794, e faleceu em 1876. Dele, no seu famoso *Dicionário,* o Barão de Studart fez conciso registro, concluindo-o por esta asserção: "De Manuel Ludgero conheço um soneto oferecido ao Dr. Ratisbona e que assim termina:

Te coroa de grinalda a mocidade,
Da velhice me branqueja a fria neve,
Tu és presa de amor e eu de saudade

O tem direito à fortuna não prescreve
Como o meu tom prescrito à felicidade,
Tu em breve serás muito, e eu nada em breve.

Lamentável, o Barão não haver transcrito o soneto na íntegra, cingindo-se ao traslado apenas dos dois tercetos.

Muito depois de ambas as escassas notícias, a de Pio Carvalho e a do Barão de Studart, afloraram pertinentes e insuspeitos dados, relativos a Ludgero, em estudo biográfico e interpretativo, que o historiador padre Antônio Gomes de Araújo deu à estampa, sobre o sacerdote, irmão do poeta, intitulado *Padre Pedro Ribeiro da Silva, o Fundador e Primeiro Capelão de Juazeiro do Norte.*

Da análise, cotejo e interpretação daquelas exíguas notas de Pio Carvalho e do Barão de Studart, bem como dos informes do padre Antônio Gomes de Araújo, e, ainda, de elementos acerca da família do poeta, constantes da biografia do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, da autoria de J. Dias da Rocha Filho, refluiu um sucinto, mas ótimo ensaio a respeito de Ludgero. Epigrafa-se *O Poeta Ludgero, Primeira Lira Cratense.*([3]) É da lavra de José Denizard Macedo de Alcântara, membro que foi da Academia Cearense de Letras, e dos mais conspícuos. Condensou ele, exemplarmente, tudo quanto esteve a seu alcance, elaborando, destarte, a melhor síntese com relação a Ludgero, em cujo remate, afirmou dele: "Sente-se no estro a melancolia de uma vida atribulada e insatisfeita e uma capacidade poética superior à da poesia popular e folclórica dos versos transcritos por Pio Carvalho".

No respeitante, contudo, à produção do poeta, Denizar Macedo nada conseguiu aditar aos minguados versos divulgados por Pio Carvalho e o Barão.

Ao tempo em que andei procedente a pesquisa em torno de poetas populares do Cariri, fato a que já aludi, obtive mais alguns versos da autoria de Ludgero, os quais, a despeito de não recolhidos por Pio Carvalho, permanecem guardados na memória de descendentes do velho bardo, residentes em Juazeiro do Norte. Segue-se um exemplo, no caso uma décima que ele teria dirigido a seu padrasto, André Vieira de Melo Cavalcanti:

Como hei de suportar
uma língua tão mordaz
que fala de um rapaz
que a ninguém quer maltratar
como hei de tolerar
ou suportar grande lida
de uma alma falida
imbuída em tanto horror
só um Judas traidor
perde-se no fim da vida.([4])

Passemos, agora, a ligeiras referências ao poeta Zé Pinto, aliás cego, e João Lobo da Mata, vindos à baila, através do folheto de Pio Carvalho, cujos nomes completos eram José Pinto de Sá Barreto e João Lobo da Mata Brito, chamando-se este a si próprio de Lobo Manso, em suas poesias. ([5])

Fragmentos da imaginação criadora de ambos logrou recolher Pio Carvalho. E, ao contrário do que ocorreu àqueles dois outros poetas, Luís Carlos, Tanoeiro, e João Ernesto Severiano da Cunha, não seria tão difícil, hodiernamente, conseguir boas amostras da inspiração deles, além daquelas anotadas pelo velho humorista cratense.

Quanto a Zé Pinto, dentre outras décimas suas, lembradas lá pelo Cariri, consigno uma, que é o desenvolvimento de um mote, envolvendo a sapiranga, ou seja, a inflamação das pálpebras com perda das pestanas, doença muito comum nos brejais caririenses:

Mote — Não tem posto que dê jeito
sapiranga no Brejão.

Glosa — Falar muito é meu defeito
aprendi deste pequeno
neste meu dizer sereno
não tem posto que dê jeito
sustento e bato no peito
naquele alegre rincão
previno a todo cristão
ande com muito cuidado
se não toma no costado
sapiranga no Brejão.

No tocante a João Lobo da Mata, tecerei comentários menos aligeirados, porventura motivado pela circunstância de ser meu consangüíneo.

Vindo à luz no Município do Crato, precisamente no sítio Mata e no dia de São João da Mata — curiosa coincidência a influir no seu nome — João Lobo da Mata, malgrado de boa cepa, foi um desses amarfanhados da sorte. Morreu relativamente moço e em estado de penúria, distante da terra natal.

O falecido Cícero Bezerra Lobo, seu parente bem aproximado, mais novo do que ele e versejador por igual, antigo tabelião na cidade do Crato, com ele privou e narrava ocorrências da sua vida atribulada, como declamava versos da lavra dele muitos dos quais foram copiados. O manuscrito respectivo, tive ensejo de compulsá-lo, mercê das atenções do filho do velho notário público, frei Ambrósio Bezerra Lobo, religioso capuchinho, atualmente residindo em Loretto, na Itália.([6])

Contava Cícero Lobo que, no ano de seca de 1900, do sítio Terra Dura, nas proximidades da outrora Goianinha, atual Jamacaru, município de Missão Velha, onde morava à época, João Lobo da Mata viajou ao Crato, quase morrendo, ali, de uma indigestão. Então, Cícero Lobo glosou o seguinte:

Indigestou e morreu
o pobre Lobo faminto,

enviou-lhe estes versos, onde até o elogia como superior ao poeta Zé Pinto:

É certo que sucedeu
falando estou sem mentira
entrando na macambira
indigestou e morreu
deixou falta ao povo seu
por ter muito bom instinto
era mais do que o Pinto
era grande em estatura
mas está na sepultura
o pobre Lobo faminto.

Decorridos quinze dias, às mãos de Cícero Lobo chegava uma resposta de João Lobo da Mata, formalizada nestas estrofes:

Sou quase igual a um aborto
ah! diarréia inclemente!
ainda sou insolente
com quinze dias de morto
da salvação vi o porto
e uma corneta tocou
um anjo do céu cantou
hozana lá nas altura
da cinza da sepultura
o Lobo ressuscitou
Quem zombou do Lobo Manso
agora tenha cuidado
que o Lobo está alentado
como o rio com seu remanso
das ondas sou balanço
dos bravos mares da Hungria
sou um raio da Turquia
sou vulcão envenenado
depois de ser enterrado
ressurgi com quinze dias.

As nove musas de Apolo
e as filhas de Achervonte

na barca de Faetonte
eu enrolo e desenrolo
levo de um a outro pólo
eu entranço e desentranço
sou astuto como um ganso
quando está de pena içada
meu mestre meu camarada
não bula com o Lobo Manso.

Tratemos, doravante, do último dos improvisadores focalizados no folheto de Pio Carvalho, na verdade o primeiro deles pelo calor da imaginação, o melhor não só de quantos aparecem na citada publicação, senão também o maior poeta matuto regional, pelo menos do seu tempo. E, por isso mesmo, o mais apreciado, o mais conhecido e, ainda hoje, bastante vivo na memória popular: Zé de Matos. (Consultar o autor sobre a referência que é feita a este poeta, sob o nº 7, na pág. 14.)

Sem questão, foi Zé de Matos um menestrel do povo, que marcou época na sua região. Tão grande esse caboclo do Cariri, analfabeto, andejo, cachaceiro inveterado, sem berço, sem origem, sem família, que semelhantemente ao que sucede com Camões, em Portugal, localidades disputam uma glória, cada uma orgulhando-se de haver sido a terra natal do poeta. Na realidade, asseguram uns ter Zé de Matos visto a luz do dia no Crato, outros garantem que descerrou ele os olhos para esta vida em Barbalha.

Justamente porquanto existe essa incerteza, a propósito do assunto, o renomado folclorista J. de Figueiredo Filho, que honrou, na categoria de titular, a Academia Cearense de Letras, publicou no primeiro número da revista *Aspectos* um estudo titulado *Onde Teria Nascido o Poeta Popular José de Matos?* São nove páginas sobreposse interessantes, com enfoques da maior valia sobre a vida e o engenho poético do boêmio caririense. Mas, em meio a todo o relativamente longo entrecho, o ilustre ensaísta, após reportar-se a certo pintor de paredes, conhecido por Ferrer de Vicente Sofia, "admirador incondicional de Zé de Matos", aduziu, no atinente ao lugar de nascimento do rude vate, tão-somente o seguinte: "Voltemos a Ferrer de Vicente Sofia. Disse-me ele que José de Matos nasceu nos pés-de-serras do Crato, no sítio Bebida Nova. Aprendeu, assim, desde pequeno a empolgar-se com esta natureza exuberante do Cariri, com suas fontes e correrem em levadas saltitantes, espalhando-se em canaviais e fruteiras. Sorveu bem cedo o aroma inesquecível do engenho a cozinhar rapadura. Por isso, soube, mais adiante, brigar em desafios versificados, com o repentista Quintiliano, em busca de uma cuia de mel que o feitor poeta lhe negara. Quem assegurou a Ferrer o lugar exato do nascimento de Zé de Matos foi o antigo proprietário de parte do sítio Bebida Nova — Antônio Esmeraldo que foi figura de prol, em Crato, tendo sido presidente da Câmara, prefeito e dirigente de várias sociedades religiosas ou leigas".

Sucede que, em Barbalha, houve e há um sem-número de pessoas capazes de jurar, de mãos postas e de pés juntos, ter Zé de Matos vagido no território barbalhense, no sítio Brito, segundo a maioria, em área tradicionalmente de propriedade de membros da conceituada família Coelho, gente, diga-se a propósito, satirizada por ele, nesta quadra:

Você conhece os Coeios
proprietários do Brito
homens que são muito rico
mas são danados de feios?

Por sua vez, Rosemberg Cariry, em ensaio acerca do poeta, fugindo à prolixidade de J. de Figueiredo Filho, foi direito ao assunto, sem mais comentários: "Aponta-se como sendo Barbalha a cidade onde nasceu".

A seu turno, Jurandy Temóteo, após afirmar ter Zé de Matos nascido na primeira metade do século XVIII e falecido em 1904, provavelmente em Caririaçu, exarou do caboclo repentista: "Seu lugar de origem é o Crato, se levarmos em consideração que o sítio Cabeceiras, naquela época, pertencia a este município". Desta assertiva restou evidentíssimo que, para o autor em referência, Zé de Matos veio ao mundo nas ditas Cabeceiras, antiga propriedade rural caririense, pertinente, antanho, ao Icó, depois ao Crato, a partir de 1846, a Barbalha. Mais uma opinião, pois, emitida por um estudioso, a prol, inquestionavelmente, da naturalidade barbalhense de Zé de Matos, nada obstante o citado pesquisador o querer cratense.

A verdade, entrementes, é que esta não deixa de ser uma questão obscura da vida de Zé de Matos — o lugar preciso do seu nascimento. Esta particularidade da sua biografia, talvez, jamais se esclareça. No caso, somente a revelação de uma prova documental autêntica, direta ou indireta, dirimiria a dúvida. Decerto, nem o próprio Zé de Matos sabia onde nascera. E, possivelmente, isso pouco se lhe dava. É curioso observar que, em seus versos conhecidos, publicados ou inéditos — ignoro se intencionalmente — não se dizia nada no Crato, em Barbalha ou em qualquer outro município, porém no Cariri, como nestes:

Eu me chamo Zé de Mato
eu sou do mato José
sou filho do Cariri
duvide lá quem quisé.

Todavia, o nosso Bocage matuto, segundo lhe chamam alguns, teve mais sorte que seus companheiros contemplados por Pio Carvalho. De fato, o mencionado irmão do autor do já tantas vezes citado folheto, o folclorista José Carvalho, que já o focalizara em *Perfis Sertanejos,* editado pela Padaria Espiritual, em 1897, dedicou-lhe todo um capítulo de *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará.* É quanto, até agora, há de melhor a seu respeito.

No meu entendimento, não estaria fora de propósito ponderar, a bem da verdade, quanto segue. Efetivamente, o que se há escrito em relação a Zé

de Matos, depois de José Carvalho, em quem todos os demais estudos se fundamentam, pouco acrescenta à produção conhecida do rústico poeta. Ademais, certos trabalhos estragam, deturpam ou abastardam, visível, flagrante e deploravelmente, os versos da sua lavra, coligidos pelo sobredito autor de *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*. Já se tem chegado mesmo ao desplante de transpor da referida obra, como da autoria de Zé de Matos, versos incluídos pelo folclorista, no capítulo dedicado a este poeta, exatamente para confessar sua dúvida, no atinente a essa autoria. E para mostrar, outrossim, como formas eruditas, nas quais se enroupam tais versos, não podem ser "dele e nem dos seus iguais". Lamentavelmente, ao passo que uns lêem, outros apenas treslêem.

Finda a digressão, retomemos o fio da meada.

Havidas na justa conta as louváveis contribuições de Pio e José Carvalho, especialmente a deste último, e não obstante seu elogiável esforço, consoante, podemos ler no *O Ceará*, de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, Zé de Matos, ainda está "a merecer estudo mais sério de sua original personalidade". Realmente, precisa ainda ser resgatado esse talentoso repentista, esse genial aedo do povo, que no Cariri e circunvizinhanças, conhece de cor, podendo repetir, a qualquer momento, composições notáveis, quais estas, a seguir, reproduzidas.

É, na verdade, de chamar a atenção este improviso, feito por Zé de Matos, ébrio e caído ao chão, enquanto companheiros de viagem renitiam em soerguê-lo:

Eu me sinto tão pesado
chega dei um passo perro
eu sinto que sou de ferro
ou no chão estou pregado
saio daqui é arrastado
ou rolado em quatro tora
assim mesmo é com demora
só assim me aluirão
de outro jeito não vou não
quando eu puder vou-me embora.

Igualmente este outro, aflorado do estro do poeta, detido, por embriaguez, na cadeia pública do então Saco do Martins, depois Leopoldina, atual cidade de Parnamirim, no interior pernambucano, coincidentemente no dia da inauguração do presídio, havendo sido ele o primeiro a ser trancafiado ali:

Senhor Jesus do Bonfim
neste escuro sem cadeia
vim visitar a cadeia
deste Saco do Martim
todos foram contra mim
nem um só me protegeu
foi sorte que Deus me deu

dela não posso fugir
tudo bebe até cair
quem paga o pato sou eu.

E, ainda, este repente, um tanto destabocado, com alguma variante, numa feira caririense, quando lhe foi negado um piqui:

Terra boa é o Cariri
tem mangaba e cajuí
tem muita moça bonita
e cabra bom no fuzi
mas arredor de sete légua
tem cabra fi duma égua
que faz conta dum piqui.

Quem desconhece estes lampejos de genialidade de Zé de Matos, do Cariri não é. Nem de suas adjacências.

Concluindo estas considerações de pouca monta, ressaltaria a irrecusável validade do folheto de Pio Carvalho. Compilando fragmentos da poética de alguns dos nossos mais antigos versejadores do sertão, acaso nem ele mesmo se desse conta de estar empreendendo um trabalho sério para o futuro. Possivelmente, seu gesto se deva apenas à vaidade de se proclamar autor de uma publicação, jactância tão comum aos poetas populares — e ele também o era e, diga-se a verdade, de fraca inspiração, a aferir pelos versos da sua própria autoria, inclusos no folheto.

Coletando, entretanto, um punhado de estrofes, repentes ou composições poéticas de cunho popular, prestou inestimável serviço à nossa antropologia cultural. Sem a sua iniciativa — quem sabe? — o que restara da produção desses aedos sertanejos, na memória coletiva, teria fenecido e até nomes haveriam incidido em total esquecimento. Preservar um pouco dessa fascinante poética popular antiga, eis o grande e insofismável mérito do modesto folheto de Pio Carvalho.

---

(1) A respeito de Pio Carvalho, leia-se TEMÓTEO, Jurandy — *O Cômico, o Satírico e o Erótico na Literatura do Cariri,* Crato, dezembro de 1986. (Edição da CRATURISMO, através da Empresa Gráfica Ltda., Crato-CE.)

(2) Os seis pés em referência guardam bastante semelhança com estoutros anotados por Leonardo Mota, em *Cantadores* (2ª edição, Rio de Janeiro, Editora A Noite, s/d), parecendo mesmo tratar-se de variações:

Preto Limão em Natal
Nogueira no Cariri
Inácio na Catingueira
Bolino no Sabugi
Romano lá no Teixeira
Zé Duda Velho em Zumbi.

(3) O autor do ensaio apresenta Manuel Ludgero como cratense, conforme com o Barão de Studart, no *Dicionário Bibibliográfico*. É que Juazeiro, hoje Juazeiro do Norte, em cujo solo, o poeta, de fato, nasceu, sendo, por conseguinte, juazeirense, enquadrava-se na área territorial da então Freguesia de Nossa Senhora da Penha de França, do Crato.

(4) Informações mais circunstanciadas sobre o assunto encontram-se em MACEDO, Joaryvar — *Fagundes Varela e Outros Rabiscos,* Crato, Empresa Gráfica Ltda., 1978. (Precisamente no capítulo "Fragmentos da Poesia Ludgeriana.)

(5) Os poetas populares, os repentistas, mais ou menos conhecidos, da família Lobo do Município do Crato, aliás muito pródiga em versejadores, costumavam, de ordinário, apelidar-se de *Lobo Manso*. João Lobo de Macedo, João Lobo da Mata Brito e Antônio Lobo de Macedo, dentre os mais antigos, talvez tenham sido os mais inspirados. Enfocando o último citado, publiquei, em 1975, pequeno estudo sob o título *Poeta Lobo Manso*.

(6) Cícero Bezerra Lobo, bom palestrador, memória extraordinária, homem de bem a toda prova, desfrutou do melhor conceito entre seus concidadãos. Mereceu do historiador padre Antônio Gomes de Araújo este elogio, exarado nas páginas de *Povoamento do Cariri* (Crato, 1973), no capítulo "Raízes Sergipanas": "Cícero Lobo, tabelião aposentado, varão de Plutarco, objeto de veneração e respeito de todos os cratenses". Prestou ele sua colaboração, oferecendo dados a Pio Carvalho, para a feitura do utilíssimo folheto. Versejava, com facilidade, e tinha queda para o soneto, conforme evidencia o que segue, estampado em "Itaytera", Nº 13, Crato-Ceará, 1969, e tendo como tema *Cristo-Rei*:

Eu creio firmemente em Cristo-Rei
nascido em Belém, na Palestina,
Filho da Virgem Pura a quem amei,
e de José, o Santo Carapina.

Para obedecer à antiga Lei
à circuncisão se subordina.
A visita dos Magos, eu não sei
se foi no presépio ou na oficina.

Por aviso do anjo mensageiro,
a fugir de Herodes carniceiro,
partiu para o Egito São José.

E já,sendo findo o quinto ano,
avisado da morte do tirano,
alegremente volta a Nazaré.

(7) Da verve ferina e mordaz de Zé de Matos nem mesmo Barbalha, onde, quiçá, tenha nascido, escaparia:

Terra que só tem um homem
procuro outro e não vejo
quem diz que Barbalha é terra
também diz quem....é queijo.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Pio. *Poesias dos Melhores Poetas do Cariri Pegadas por Pio Carvalho — De João Lobo da Mata (Lôbo Manso), José de Matos, Luiz Carlos (Tanoêro), Zé Pinto e Ludugério — Defesa de João Ernesto Severiano da Cunha — Duas Histórias Passadas a Verso pelo Autor deste Folheto.*

TEMÓTEO, Jurandy. *O Cômico, o Satírico e o Erótico na Literatura do Cariri.* Crato, dezembro de 1986, (edição da CRATURISMO, através da Empresa Gráfica Ltda.).

MACEDO, Joaryvar. *Autores Caririenses.* Juazeiro do Norte, Gráfica Mascote, 1981.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, Mito e Realidade.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

STUDART, Dr. Guilherme (Barão de Studart). *Dicionário Biobibliográfico Cearense,* volume segundo. Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, 1913.

ARAÚJO, Padre Antônio Gomes de. *Padre Pedro Ribeiro da Silva, o Fundador e Primeiro Capelão de Juazeiro do Norte.* "Itaytera", Crato, Tipografia Imperial, 1958.

ALCÂNTARA, José Denizard Macedo de. *O Poeta Ludgero, Primeira Lira Cratense.* "Itaytera", Crato, 1961.

MACEDO, Joaryvar. *Fagundes Varela e Outros Rabiscos.* Crato, Empresa Gráfica Ltda., 1978.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Onde Teria Nascido o Poeta Popular José de Matos?* "Aspectos", Nº 1, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

CARVALHO, José. *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará,* 2ª edição, Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1973.

MARTINS Filho, Antônio e GIRÃO, Raimundo. *O Ceará,* 3ª edição. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1966.

CARIRY, Rosemberg. Zé de Matos: *Profissão Poeta.* "Caderno de Cultura", Nº 2, Fortaleza, Centro de Referência Cultural — CERES, junho, 1987.